



CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DAS PROFESSORAS

Josiane Peres Gonçalves¹

Maria Juciéli Simões²

RESUMO: Este estudo aborda aspectos importantes sobre gênero na Educação Infantil, com crianças que têm um dos primeiros contatos com a sociedade externa, no momento em que vão para as instituições educativas. O objetivo é identificar as influências exercidas pela escola no processo de construção da identidade de gênero das crianças desse nível de educação, segundo a perspectiva das professoras, uma vez que essas crianças encontram-se em um grupo social diferente do seu convívio familiar. A pesquisa bibliográfica aborda questões relativas ao conceito de gênero e à construção da identidade em crianças pré-escolares, destacando o papel da família e da escola nesse processo. A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 4 professoras, sendo 2 (duas) da Rede Municipal e 2 (duas) da Rede Particular de Ensino, todas graduadas em Pedagogia e trabalham com crianças de 3 anos de idade. Os resultados indicam que as professoras percebem diferença entre as meninas, que são vistas como calmas e concentradas, e os meninos, que são vistos como agressivos e agitados. Quanto à organização dos brinquedos, embora optando por deixar que as crianças façam suas escolhas, as professoras percebem que as meninas preferem as bonecas e os meninos preferem carrinhos e bola para brincar e, conseqüentemente, as crianças optam por brincar com colegas do mesmo gênero. Assim, constata-se que a escola influencia no processo de construção da identidade de gênero, reforçando os padrões predominantes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gêneros. Educação Infantil. Crianças.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela mesma instituição. Professora Ajunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). E-mail: josianeperes7@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). E-mail: juciellisimoies12@hotmail.com



GENDER IDENTITY CONSTRUCTION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE LOOK OF TEACHING

ABSTRACT: The study addresses important aspects of gender in children's education, with children who have one of the first contacts with the outside society at that time in going for educational institutions. The goal is to identify the influences exerted by the school in the construction of the children of Children's Education gender identity process, from the perspective of teachers, since these children are in a different social group of their family life. The literature addresses issues related to the concept of gender and identity construction in preschool children, highlighting the role of family and school in this process. The qualitative field research was conducted through semi-structured interviews with four teachers, and two (2) of municipal and two (2) of private schools, all graduated in Pedagogy and worked with children from 3 years age. The results indicate that teachers perceive difference between girls, who are seen as calm and concentrated, and the boys, who are seen as aggressive and agitated. Regarding the organization of toys, although choosing to let children make choices, the teachers realize that girls prefer dolls and boys prefer carts and ball to play with and, consequently, children choose to play with peers of the same gender. Thus, it appears that the school influences on gender identity construction process, reinforcing the prevailing standards in society.

KEYWORDS: Gender relations. Early childhood education. Children.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre as dificuldades encontradas pelos professores de como identificar os comportamentos das crianças, e, buscando conhecer as características da construção de gênero na Educação Infantil, a pesquisa aborda as diferenças de gêneros e como os professores devem respeitá-las no ambiente escolar. Assim, o objetivo do estudo é identificar as influências exercidas pela escola no processo de construção da identidade de gênero de crianças da Educação Infantil, segundo a perspectiva das professoras, uma vez que essas crianças encontram-se em um grupo social diferente do seu convívio familiar.

Este estudo aborda o aprendizado e o desenvolvimento das crianças com pouca idade e como os professores trabalham nessa compreensão de gênero masculino e feminino, ensinando sem constrangê-las. Outra questão é como professores aceitam as atitudes das crianças, como, por exemplo, na preferência por brinquedos, em que menino quer brincar de boneca, menina quer brincar com carrinho ou bola, e identificar se essas crianças, ao



chegarem pela primeira vez à escola, já conseguem se ver como menino ou menina.

A escolha do tema se deve à pesquisa com professores de crianças com idade de 3 a 4 anos e tem como desafio desenvolver conhecimentos quanto à construção e socialização das crianças, caracterizando os conceitos de meninos ou meninas, no sentido de brincadeiras concebidas como eixo do trabalho pedagógico, na linguagem dos pais e professores quanto ao que é proibido e ao que é permitido.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio da contribuição de autores que versam sobre as questões de gênero, sendo também realizada uma pesquisa de campo, tendo como instrumento entrevistas semiestruturadas. As participantes do presente estudo são docentes da Rede Pública e Particular, as entrevistas foram feitas com professoras do Ensino Infantil, que trabalham com turmas de Jardim II, cujos alunos têm 3 anos idade. Nesse período da vida da criança, as professoras acabam fazendo com que elas se socializem com outras, em seu ambiente escolar, passando a entender toda a diversidade encontrada na sociedade em que vivem. O estudo foi realizado em uma creche da rede Pública e em uma escola Particular de Ensino Infantil, no município de Naviraí, e a escolha dessas instituições tem como objetivo fazer uma comparação entre o modo de agir das crianças e dos professores quanto à questão de gênero, na escola pública e na escola particular. A pesquisa teve como metodologia a abordagem bibliográfica, conjugada a uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa.

Entende-se que é interessante para os professores saber a maneira pela qual ocorre a formação do conceito de identidade de gêneros feminino e masculino, para que possam interagir com as crianças sem medo de frustrá-las, fazendo com que elas aprendam a interagir de forma que não haja preconceitos ou credices propostas pela sociedade.

CONCEITO DE GÊNEROS

Ao estudarmos gêneros, é possível perceber que há vários significados que podem ser utilizados para diversas atribuições e em diferentes campos do conhecimento, podendo ser interpretado como conceito ou como categorias de análises, conforme Ferreira (1999). Nas ciências naturais, gênero é estudado como espécie ou grupo de coisas, plantas, animais,



alimentos, etc. No caso das ciências humanas, gêneros se referem às relações entre o sexo feminino e o masculino, caracterizando-se como a elaboração cultural das noções de masculinidade e feminilidade.

Nesse sentido, Cruz e Souza (2008, p. 04) entendem que “[...] o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo, como um dado anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário”. Evidencia que não é propriamente a diferença sexual e, sim, o preconceito, ou seja, tendo como objetivo promover uma sociedade adaptada às regras e valores formados por pessoas que tentam acomodar-se em uma criação de sociedade impecável, sem problema a ser discutido.

Segundo Scott (1995), gênero pode ser entendido como um saber sobre as diferenças sexuais, uma percepção sobre as diferenças sexuais, sendo as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças. Inclui as relações sociais, que são construídas sobre a base da percepção da diferença sexual entre homem e mulher, referindo-se à forma de como se manifesta social e culturalmente na identidade sexual do indivíduo.

Souza (2008) também se refere ao termo gênero como um sistema de relação de poder, baseado em qualidades, papéis, identidades e comportamentos atribuídos a homens e mulheres, sendo esse sistema de relação de poder construído por meio de uma determinada cultura. Assim, convencionou-se socialmente que homem trabalha fora e mulher cuida do lar, porém, na atualidade, as mulheres têm dupla jornada de trabalho, devido à mudança social. Para Stearns (2012), o reconhecimento das diferenças na constituição de corpos femininos e masculinos, que são sempre entendidos a partir de um ponto de vista social, ou seja, como a sociedade deseja que as pessoas entendam, manifesta-se por meio de julgamento, ou imagens preconceituosas, como, por exemplo, homem forte, mulher frágil. Negreiros e Carneiro (2004) fundamentam-se nos estudos de Biaggio (1976) para afirmar que:

Os desempenhos esperados culturalmente - que os meninos sejam, “fortes, independentes, agressivos, competentes e dominantes”, e as meninas “dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam seus impulsos agressivos e sexuais”, de algum modo, formam conjuntos de disposições diferenciais a serem seguidos. (NEGREIROS e CARNEIRO, 2004, p.35)

Para Passamani (2012), o termo gênero para a sociedade significa uma divisão dos sexos, em que os sujeitos são identificados como masculino e feminino, situados como homens e mulheres para concretizar uma união. É possível perceber que pessoas do mesmo



gênero já estabelecem uma união que se diz aceitável para a sociedade, mas ainda existem certos preconceitos sobre a aceitação dessa união.

Contudo, pode-se entender que gênero é um conceito pessoal, individual e subjetivo que pertence ao âmbito cultural e social, transformando o ser nascido em uma construção social, definindo que vagina significa mulher e pênis significa homem. Nesse sentido, Felipe (2012) recorre a Bento (2008) para afirmar que gênero vincula-se ao comportamento do sexo, definindo o feminino pela vagina e o masculino pelo pênis, determinando a ideia de que o sexo do sujeito é o fator natural, que proporciona ao ser humano a construção de supostas disposições naturais. Assim, denominam as representações de gêneros, podendo ser relacionadas à forma como as pessoas diferenciam os papéis sociais e comportamentais, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para homens ou mulheres, como, por exemplo, homens trabalham em serviços brutos, mulheres cuidam da casa e dos filhos, por serem frágeis. Trata-se de construções históricas e culturais que não são fixas, podendo mudar, de acordo com o contexto social. Porém essas ideias se fazem presentes na atualidade, interferindo no comportamento das pessoas.

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

Para melhor entender como acontece o processo de construção da identidade de gênero, podemos observar o que ocorre com um recém-nascido, ou como as pessoas agem diante desse novo ser. Em geral há um investimento, a influência direta da família e da sociedade para transformar um bebê em mulher ou homem, ação realizada, reforçada e sempre fiscalizada pelas instituições sociais, como a igreja, a família e a escola. Assim, gênero se refere aos papéis diferenciados para homens e mulheres, e está relacionado ao como nos reconhecemos dentro dos padrões de gênero estabelecidos pela sociedade e pela cultura. (GOLDANI, 2002)

Os pais criam inúmeras expectativas sobre a educação das crianças que ainda estão no ventre; ao fazer enxoval para o bebê, por exemplo, são encontradas somente roupas que se dizem “próprias” para o sexo, rosa ou azul, quando em outras cores, há um desenho de imagem para o sexo específico. Agindo assim, mães em geral, durante a gestação se



preocupam mais em saber o sexo do bebê do que em saber se seu bebê está bem e saudável.

De acordo com Pellett e Ignico (1993), ao nascer, os pais homens fazem questão de mostrar, exibir a “masculinidade” de seus filhos, manifestando comportamentos considerados pela sociedade como normais, como mostrar os órgãos de seus filhos. Já as mães demonstram e exibem a feminidade de suas filhas, com enfeites, como brincos, pulseiras e apetrechos para cabelo. Dessa forma, os pais têm uma importância fundamental na formação da identidade de gênero das crianças, sendo os maiores responsáveis pelo desenvolvimento do papel de gênero de seus filhos.

Vale ressaltar que a construção de uma socialização é confronto de conhecimentos em que pais tentam seguir um modelo de sociedade, para que seus filhos não sofram preconceitos, com o passar dos anos. A identidade de gênero é o desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo, assim, certamente, influenciando os modos de ser, pensar e agir. Para Costa e Antoniazzi (1999, p. 66) a “[...] identidade de gênero é o elemento no desenvolvimento da personalidade, influenciando o modo de ser, agir e pensar como também as atitudes”.

Costa e Antoniazzi (1999), fundamentam-se na teoria de Bandura sobre a aprendizagem mediada por modelos, para afirmar que a identificação de cada indivíduo é a consequência das observações e imitações de um modelo, que pode ser dos pais ou de outras pessoas próximas às crianças, sendo estas, muitas vezes, punidas, quando apresentam comportamentos considerados socialmente inadequados ao seu sexo. Com um modelo de mãe solteira de filhos homens que não têm um exemplo masculino por perto, a criança terá a mãe como modelo, por ser o padrão mais próximo dela. São os menores reforçados por apresentarem comportamentos adequados ao seu sexo, e são punidos ou não reforçados quando apresentam comportamentos considerados, socialmente, como inadequados a eles. (COSTA e ANTONIAZZI, 1999).

Já é próprio da criança calçar os sapatos da mãe, ou colocar bonés do pai e, sem um modelo do mesmo sexo, a criança ainda não sabe o que é “certo ou errado”. Com isso, é possível analisar que é a sociedade que produz uma cultura na identificação de gêneros, sendo que as crianças são punidas quando apresentam os comportamentos considerados socialmente inadequados. Na maioria das vezes, as crianças são obrigadas a obedecer às normas impostas pela cultura, comprometendo o processo de formação do indivíduo, pois se torna necessário



lembrar que a construção de um ser humano, como menino agressivo, ou menina sensível, será desenvolvida na infância e levada ao longo da vida.

A relação de gênero refere-se à relação de poder entre masculino e feminino, em que cada indivíduo tem o seu papel determinado pelas diferenças, possibilitando identificar os valores atribuídos a homens e mulheres. Conforme aponta Souza (2008)

[...] a constituição de cada sujeito deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida em diferentes espaços e tempos. Ainda que uma vez que o conceito de educação estende-se além dos seguimentos familiares e escolares, ou seja, está comprometido a um processo de formação de sujeitos e reúne um complexo de instâncias, como os brinquedos, a música, os meios de comunicação de massa, a literatura, entre outras, que contribuem para que homens e mulheres aprendam a se reconhecer como pertencentes a um grupo. (SOUZA, 2008, p.151)

E, com isso, até os dias de hoje, muitos pais ensinam e incentivam, em alguns pontos, seus filhos e filhas a seguirem pensamentos e modelos da sociedade, como se pode perceber, nas relações entre meninos, nas quais há competições sobre quem é mais forte, rápido ou alto. Já as meninas demonstram afeto, carinho, sempre abraçando e segurando a mão das pessoas que estão à sua volta.

Lopes (2012) diz que é possível compreender a identidade de gênero nos primeiros movimentos feministas; nessa perspectiva, cabe destacar a inserção das mulheres no mercado de trabalho, época em que os homens europeus foram levados para o exército e as mulheres para as indústrias, contagiando as mulheres com suas ideias progressistas. Foi a primeira vez que a mulher cortou seus cabelos curtos e deu a isso um sentido de liberdade.

Novas atitudes surgiram, mas era o cinema que dava às mulheres uma nova imagem, na qual se inspiraram, como cabelos curtos, roupas masculinas e cigarro na boca, simbolizando um novo visual feminino. Os jovens foram viver em comunidade, tentando construir uma vida mais simples e sincera, deixando crescer cabelos e barbas, usando roupas mais largas e confortáveis. Stearns (2012, p. 242) afirma:

[...] é revelador que algumas das mudanças mais dramáticas que a mídia promove, como as mudanças nos hábitos alimentares das jovens, envolvam não novas afirmações do poder, mas uma redefinição do que é preciso para se tornar bonita e atraente sexualmente [...] não é de se surpreender que seja o estilo, mais do que a substância, que esteja sujeito a alterações.



Com a globalização favorecida pela tecnologia da comunicação, disseminaram-se pelo mundo as ideias de eficiência e competitividade com a mulher completamente integrada ao mercado de trabalho, trazendo a imagem da executiva, com roupas masculinas, blazers com ombreiras gigantescas, símbolo de poder, não se esquecendo dos cabelos curtos. A globalização trouxe uma forte exigência de qualidade e eficiência ao trabalho feminino, como também contribuiu com uma quantidade de informação jamais vista na história da humanidade. (STEARNS, 2012).

Assim, as pessoas tomam conhecimento de outras formas de cultura e ganham respeito às diferenças culturais e sociais. Talvez seja essa a explicação para a moda atual, que não tem um visual único, e, muitas vezes, proporciona uma imagem da diversidade, trazendo para as roupas consideradas masculinas, a cor rosa.

A sociedade e a cultura proporcionam um modelo feminino e um masculino, em que o papel feminino é reforçado pela família, mediante relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade e o papel masculino é relacionado ao trabalho braçal. As mulheres são vistas como mais meigas, românticas, vaidosas, sensíveis e dedicadas. Os homens são vistos como mais agressivos e racionais, fazendo com que a convivência tome diversas formas de se relacionar; como ponto importante, está a vivência entre homens e mulheres a se possibilitar aprender um com o outro a construir uma relação de respeito. (BRENES, 2001)

Já a sociedade em constante transformação também ensina e incentiva as pessoas a serem diferentes; hoje já é possível ver mulheres no mercado de trabalho, operando máquinas pesadas, ou sendo gerente de empresas, funções nas quais havia somente homens trabalhando. A mulher, ao deixar sua casa e seus filhos para trabalhar, deixa o marido, que, muitas vezes está desempregado, ficar com os serviços domésticos e cuidar dos filhos.

Foi-se o tempo em que mulheres eram ensinadas a ser apenas donas de casa, a única responsável pelo lar e pelos filhos, pois, no mundo de hoje, a família necessita de formação em uma sociedade de desafios, impondo tarefas intercaladas para homens e mulheres. Com a necessidade de mão de obra, os que não têm uma boa formação educacional têm por finalidade o desenvolvimento de tarefas do lar, que, muitas vezes, são resolvidas ou substituídas por uma das partes do casal, independente do gênero. Assim, Ribeiro explica:

[...] as diferenças criadas, ou percebidas socialmente, sofrem variação de



acordo com a estrutura e caracterização histórico-cultural do que constituiria o mundo dos homens e das mulheres e parece não ser diferente em relação às distinções que particularizam o universo feminino. (RIBEIRO, 2006, p. 148)

A sociedade, muitas vezes, mostra-se preconceituosa; ao ir a uma festa de aniversário de menino, geralmente levam-se brinquedos considerados adequados para os meninos, o mesmo para as meninas. Atualmente deve-se mudar essa cultura, que já vem ao longo da história, na verdade, mudar o processo de aprendizagem das crianças. Elas podem e devem brincar com os brinquedos de sua própria preferência, como, por exemplo, um menino brincar de casinha, ou uma menina brincar de carrinho, até porque na sociedade atual os homens ajudam a cuidar da casa e dos filhos e a mulher também dirige carros e trabalha fora.

Com os brinquedos, as crianças vão construindo uma identidade de gênero; as meninas, muitas vezes, já gostam de ter cuidados com a boneca, como se fossem as mães, e os meninos pegam as ferramentas dos pais, ou até o sapato do pai, e dizem que vão trabalhar. Mas isso não significa que os brinquedos não possam ser invertidos; meninos também gostam de brincar de boneca e imaginam ser o pai, meninas brincam de carrinho, como se fossem a mamãe. Essa construção de gêneros deve ser estabelecida com segurança; a criança e muitos pais não aceitam alguns tipos de brinquedos ditos pela sociedade como do gênero oposto, como afirma Costa e Antoniazzi:

A maior preocupação com a tipificação sexual é dos pais “homens”, principalmente nas escolhas de brinquedos, os pais ao comprar o brinquedo aos filhos supõem que são de escolhas dos pais, mais com pensamento que seriam de preferência de seus filhos. (COSTA e ANTONIAZZI, 1999, p. 68)

Com isso, é proporcionada uma cultura na qual, normalmente, meninos brincam de carrinhos, bolas, caminhões, bonecos e blocos. As meninas preferem brincar mais de casinhas, bonecas, ursinhos e livros de história, segundo a concepção da sociedade, no geral. É possível notar que muitas escolas ainda consideram essa realidade, não aceitando homens como professores na Educação Infantil, fazendo com que, muitas vezes, os profissionais sejam professores do Ensino Médio em diante. Isso ocorre porque se faz presente na sociedade, em geral, o preconceito, o pensamento de que, por serem homens, eles não devem ser professores de creches, por se considerar que não são capazes de cuidar de crianças, tendo eles aspecto



físico forte. Muitas escolas têm medo de que machuquem os alunos, mas o que ninguém percebe é que muitas professoras também podem ser agressivas e que podem até machucar as crianças, enquanto os professores têm o maior cuidado. Realmente, ao verificar as atitudes das crianças na escola, elas costumam verificar o próprio corpo, em que professores têm de ensinar o que deve ser feito, como no uso do banheiro.

Segundo Filha (2012), ao entrar para a escola, que costuma ser o primeiro contato em sociedade fora da família, as crianças conseguem se identificar, primeiro, com o comportamento do mesmo gênero, mostrando aos adultos que sabem se adaptar e se relacionar com outras pessoas, fazendo construir uma amizade sem maldade em relação à sexualidade.

Louro (1997, p. 62) afirma que “A escola, desde seu início, exerceu uma prática distintiva, incumbindo-se de separar os sujeitos: separaram adultos de crianças, católicos de protestantes, ricos de pobres e imediatamente separou os meninos das meninas”. Hoje podemos compreender que não há essa separação, mas, sim, uma preocupação com a sexualidade da criança, tornando-se um preconceito no futuro adulto, como, por exemplo, em uma sala de aula, onde as crianças fazem atividades e a professora pede para que as meninas organizem a sala, sabendo que todos estavam fazendo a mesma atividade. A referida autora salienta que

A escola foi por muito tempo espaço só para meninos. As meninas conquistaram o direito de serem educadas, mas recebiam uma educação diferenciada: “as escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas de treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas”, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou pintura”. (LOURO, 1997, p.62)

Tal afirmação evidencia que historicamente as escolas tinham outra forma de organização, no que tange aos gêneros feminino e masculino; as turmas eram separadas em homens e de mulheres, sendo que cada uma delas recebia instruções totalmente diferentes. No caso das mulheres, por exemplo, predominava a formação voltada às atividades domésticas. Embora tendo mudado essa realidade, algumas diferenças de gênero se fazem presentes em âmbito escolar. De acordo com Felipe (2012), ainda hoje as professoras discriminam alunas, sem perceber, dando tarefas para as meninas como após uma atividade de recorte, pedindo para as meninas ajudarem a varrer a sala, por serem mais organizadas que os meninos. Tais



atitudes evidenciam que, em pleno o século XXI, ainda somos propagadores de culturas e crenças de séculos passados, que somente reforçam as diferenças e práticas que excluem o indivíduo, independente do sexo. Nesse sentido Lopes ressalta:

[...] as diferenças nos pátios, nas quadras, no entorno da escola, as práticas e os comportamentos são diferenciados. Por mais que haja uma ilusória integração, ainda existem filas de meninos e de meninas, grupinhos de meninas e de meninos, brincadeiras e comportamentos específicos do gênero de cada um. (LOPES, 2012, p. 182)

Pode-se compreender que até os adultos gostam de estar perto de pessoas do mesmo gênero, pois conseguem interagir melhor, tornando conversas semelhantes a respeito de experiências vividas. Finco (2008) entende que a Educação Infantil é um espaço onde as crianças se encontram e constroem novas experiências de vida, fazendo com que interajam umas com as outras e também com os adultos, estabelecendo grandes capacidades e desejos de ser gente grande. É importante que professores tenham conhecimento do potencial que a escola traz em relação ao coletivo, da convivência entre a diversidade de relacionamento que é um dos pontos importantes que permitem aos alunos possibilidades de aprender com o outro.

Hoje se aprende na escola a desenvolver pensamento crítico, a partir da compreensão das diferenças sexuais que são idealizadas pela sociedade. Percebe-se que muitos homens cuidam da casa e dos filhos, enquanto as mulheres trabalham fora, em empregos considerados “masculinos”, o que podemos presenciar pelos diversos meios de comunicação que veiculam em toda parte do mundo, como jornais, televisão e rádio.

Partindo do princípio que o objetivo da educação infantil é possibilitar o desenvolvimento integral das crianças, entende-se que é importante que as crianças convivam em contextos educativos que não existam preconceitos relacionados a gêneros. Se a intenção é construir uma sociedade democrática, é preciso estar atento e promover uma prática educativa não discriminatória.

Nessa perspectiva, mediante a realização de coleta de dados, buscou-se verificar como o processo de identificação dos gêneros está ocorrendo na Educação Infantil, por meio do olhar das professoras que são peças fundamentais nesse processo de construção do indivíduo.



METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente estudo foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, norteadas por autores, como Finco (2010), Lopes (2012), Louro (1997; 2000), Sayão (2001), Scott (1995), entre outros. Também foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas. Segundo Moreira (1990), a pesquisa qualitativa tem como foco de interesse a questão dos significados que as pessoas atribuem a eventos e objetos em suas ações e interações, dentro de um contexto social, na busca de identificar os temas sobre a exposição dos significados pelo pesquisador.

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas, sendo uma da Rede Municipal e outra da Rede Particular. Para verificar a viabilidade do estudo, foi necessário ir até as instituições para conversar com as diretoras sobre o tema. Tais escolas passam doravante a ser identificadas como Escola Municipal e Escola Particular, sendo todas localizadas na área urbana do município de Naviraí/MS. A primeira atende somente a Educação Infantil, já a segunda atende o Ensino Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Durante o trabalho de campo na Escola Municipal, no Jardim II da Educação Infantil, obtiveram-se 02 entrevistas gravadas, devidamente autorizadas pelas professoras, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e foram denominadas como E1 e E2. A professora E1, 33 anos de idade, é formada em Pedagogia com pós-graduação em Educação Infantil e Anos Iniciais. A professora E2, 35 anos de idade, é formada em Pedagogia, com Pós-graduação em Educação Infantil. A escolha das professoras foi realizada pela coordenadora da escola.

Na Escola Particular, foram realizadas 02 entrevistas com professoras regentes do Infantil II, nomenclatura utilizada pela Rede Particular. Nessa instituição, as educadoras foram nomeadas como E3 e E4. A professora E3, 31 anos de idade, é formada em Pedagogia, com Pós-graduação em Educação Infantil. A E4 é formada em Pedagogia, com Pós-graduação em Anos Iniciais e Educação Infantil. Na escola particular não houve escolha de professoras, pois só havia as duas atuando com crianças de 3 anos de idade. A opção por escolher docentes que trabalhavam com crianças nessa faixa etária ocorreu pelo fato de elas já estarem iniciando o processo com maior independência, questionando o que desejam e já realizando algumas



necessidades sem precisar de ajuda.

A realização da coleta de dados aconteceu no primeiro semestre de 2014, sendo inicialmente feito contato com as gestoras das escolas e, em seguida, com as próprias professoras para agendamento das entrevistas, que foram gravadas na própria escola, durante o período de hora-atividade das professoras. Os dados posteriormente foram transcritos, sistematizados e analisados, sendo que os resultados são apresentados na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do presente estudo encontram-se organizados conforme o roteiro utilizado para as entrevistas semiestruturadas, sendo apresentadas as respostas das principais questões relativas à temática de gênero. Assim, mediante as falas das professoras, é possível perceber que, embora havendo ausência de conhecimento sobre a construção da identidade de gênero das crianças, as ações pedagógicas desenvolvidas pelas docentes e a forma como elas percebem o comportamento dos alunos evidenciam a influência da escola nesse processo de construção.

Houve o interesse em saber se há alguma forma de separação entre meninas e meninos, em sala de aula, sendo então questionada a organização da sala, se tem algum critério para organizar as crianças no espaço educativo. A professora E1 relata: “Não existe critério, eu separo por comportamento para os bagunceiros não ficarem juntos.” Também a E2 afirma que “[...] não existe nenhum critério”. Na Escola Particular, a professora E3 diz não possuir critério sobre gêneros, mas afirma que: “[...] para manter um domínio sobre a turma, desfazo os grupinhos.” A professora E4 optou por não responder à questão. De acordo com as respostas das outras três professoras, constata-se que elas não separam os alunos por gêneros, em sala de aula, levam em consideração apenas os comportamentos dos alunos caracterizados como “bagunceiros”. Uma das professoras diz que, para manter o controle da turma desfaz os “grupinhos”, sem, no entanto, explicar que tipo de grupos, que provavelmente não estão relacionados aos gêneros das crianças. Trata-se de ações intencionais, no sentido de manter a organização da sala, para que as atividades pedagógicas desenvolvidas atinjam mais facilmente os seus objetivos, de forma a contribuir com o processo de formação dos alunos. Sayão (2002), ao comentar sobre a ação docente na Educação Infantil, argumenta:



Quanto ao trabalho pedagógico, precisamos estar conscientes de que deve haver uma intencionalidade educativa em todas as ações docentes na educação infantil [...] A vivência em espaços coletivos com outras crianças [...] possibilita aos meninos e meninas, [...] a ampliação de seus conhecimentos em inúmeras dimensões, como a ética, estética, corporal, sensível, oral, escrita, artística, rítmica, entre outras. (SAYÃO, 2002, p. 3)

Cabe enfatizar que os profissionais da educação muitas vezes não percebem que essa junção mostra a igualdade adquirida, ao longo dos anos, de que meninos e meninas necessitam adquirir conhecimentos iguais, quebrando protocolos criados em uma sociedade do século passado. Se atualmente estamos vivenciando uma escola mista, essa realidade foi construída por meio de muitos esforços de homens e mulheres que acreditavam em uma sociedade igualitária. Segundo Lopes,

Na atualidade encontramos meninos e meninas juntos, na mesma escola e na mesma sala de aula, realizando supostamente as mesmas atividades, transmite a percepção de que isso garante a igualdade viabilizada pelo sistema educacional aos sujeitos independentemente do sexo ou do gênero [...] a escola mista que conhecemos é realmente recente. (LOPES, 2012, p.178)

As professoras foram questionadas sobre a relação entre meninas e meninos, em sala de aula, e se as atividades eram comuns ou diferenciadas, de acordo com o gênero das crianças. Elas assim descrevem:

Sempre sentam um menino e menina, pois se meninas e meninos ficarem juntos conversam demais, e as atividades são as mesmas para os dois. (E1)

Procuo misturar para a sala não ficar com divisão. As atividades são iguais para todos. (E2)

Em relação a meninos e meninas não existe separação. As atividades são comuns para meninos e meninas. (E3)

Na sala de aula não tem separação e nem fora deixo eles livres, apesar de que os meninos gostam de ficar juntos, mas as atividades são todos juntos. (E4)

Mediante as respostas coletadas de duas instituições diferentes, foi possível constatar que as professoras seguem o mesmo roteiro de ensino que confirmam padrões importantes para manter uma organização no seguimento da rotina. Casagrande e Carvalho (2005) esclarecem que a sociedade busca por uma democratização, em que os profissionais da educação trabalhem para formar cidadãos que respeitem a diversidade, a cultura, os valores e



as crenças. É importante a flexibilidade em se trabalhar com questões de gênero, no ambiente escola, pois este é um local onde se encontra uma grande variedade de indivíduos, ensinando a respeitar sonhos, ideias, ideais, e saber como lidar com a diversidade se torna relevante para a construção de uma educação justa e democrática.

Outro ponto questionado foi sobre brinquedos e brincadeiras, a partir do que as professoras deviam relatar sobre o comportamento das crianças e se todas usam os mesmos brinquedos. As entrevistadas apresentaram respostas semelhantes:

Em algumas atividades as meninas têm mais concentração que os meninos. Todas usam os mesmos brinquedos. (E1)

Dependendo das atividades as meninas são mais concentradas que os meninos e todos usam os mesmos brinquedos. (E2)

Durante as brincadeiras as meninas se demonstram mais calmas e prestam mais atenção do que os meninos. E geralmente com os brinquedos da creche todos brincam juntos, claro que cada um com sua particularidade, pois mesmo brincando coletivamente, cada um se interessa por brinquedos diferenciados que chamam mais a atenção de cada um. Nesse sentido as meninas se interessam mais por bonecas e brincadeiras de casinha e os meninos de carrinhos e bola, mas isso não impede que um participe da brincadeira do outro ou vice-versa. (E3)

Geralmente os meninos têm comportamento agressivo nas brincadeiras e as meninas acabam se distanciando. Sempre procuro envolver todos. Os brinquedos da escola todos usam, todas as sextas-feiras cada um leva o seu e sempre falo para emprestar para o colega. (E4)

É possível constatar, por meio das respostas que, em relação aos comportamentos das crianças, as professoras percebem diferença entre meninos e meninas em relação à concentração e à agressividade. Sendo todas docentes do gênero feminino, elas afirmam que as meninas são mais tranquilas e acabam por se afastar dos meninos. Tal constatação pode ser compreendida como uma manifestação cultural; as meninas sempre são vistas como dóceis, enquanto os meninos são agressivos, ou seja, essas crianças aprenderam em suas culturas a terem esse tipo de comportamento e continuam a reproduzi-los na escola. (BRENES, 1991)

Quanto à utilização dos brinquedos, as professoras percebem que não separam meninas e meninos, pois eles brincam com brinquedos diferenciados que há na escola e, como existe a cultura de menino brincar de carrinho e a menina de boneca, a professora E3 afirma que as meninas se interessam mais por brincadeiras de meninas. Esse fato reforça a ideia de que, desde o nascimento, a criança já é estimulada a essa diferenciação, tanto na roupa quanto nos brinquedos, ou seja, a sociedade contribui para o processo de construção da identidade de



gênero. A escola, um dos primeiros espaços de socialização da criança, fora do ambiente familiar, continua a efetivar essa tendência, especialmente em relação aos brinquedos. Mesmo não havendo o direcionamento por parte das professoras, as crianças entre si se separam e, de acordo com o gênero, vão brincar com brinquedos entendidos socialmente como sendo de menina ou de menino.

Analisando as falas das professoras, percebe-se que elas mantêm um discurso que se relaciona com as proposições do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) – Formação pessoal e social (BRASIL, 1998). Segundo o referido documento, gênero implica a construção da identidade, tornando-se uma atitude essencial e básica para a formação da criança. É importante transmitir, por meio de ações, que é necessário respeitar valores e igualdade entre as pessoas de sexos diferentes, permitindo que as crianças não se prendam a estereótipos criados por uma sociedade preconceituosa, em que se diz que o homem não chora, ou que a mulher tem a função de cuidar da família e do lar. Nesse sentido, a responsabilidade do professor torna-se relevante, por ser entendido como o mediador que pode contribuir para quebrar os padrões inadequados que definem homens e mulheres.

Outras questões abordadas referem-se à opinião das professoras em relação aos brinquedos, roupas e comportamentos das crianças, se geram algum tipo de preocupação e se, ao fazer algum passeio, ou deslocar de um local para o outro, como costumam organizar as crianças. As professoras E1 e E2 responderam que não têm nenhum tipo de preocupação; no que se refere à questão da organização para os passeios, não quiseram responder. Já as professoras E3 e E4 assim relataram:

Eu penso que nessa faixa etária é cedo para ter preocupação, mas é lógico que um menino querer usar vestido ou usar maquiagem não seja comum, mas pode ser apenas uma curiosidade e não uma questão para que haja uma preocupação [...] Em fila, uma fila das meninas e uma dos meninos, do menor para o maior. Organizo dessa forma, meninas separadas dos meninos, porque os meninos sempre têm umas brincadeiras agressivas. (E3)

Sim, há uma certa preocupação, principalmente por ser uma escola privada onde os pais sempre estão presentes. Nunca aconteceu nada com os alunos, mas procuro ficar atenta e se acontecer não chamar a atenção da criança, pois pode ser apenas uma curiosidade [...] Fazemos o chamado trezinho por normas da escola, mas se organizam normalmente, não específico a ordem. (E4)

Observa-se que ambas as professoras entendem que pode haver curiosidade por parte da criança em querer agir de forma diferente do convencional para o gênero feminino e



masculino. Entretanto, uma das docentes entende que não chega a ser preocupante, considerando que as crianças têm 3 anos de idade, enquanto outra docente fica atenta, especialmente devido à preocupação com os pais que estão sempre presentes na escola. Em relação à organização das crianças para um passeio, ou para se deslocar de um local para outro, uma das professoras (E4) diz que atende às normas da escola, fazendo um “trenzinho”, mas não deixa claro se integra meninas e meninos. A outra professora (E3), diz que organiza em filas, de acordo com os gêneros das crianças, sendo uma fila de menina e outra fila de menino. Lopes (2012, p. 182), afirma que no cotidiano das escolas “[...] ainda existem filas de meninos e de meninas, grupinhos de meninas e de meninos, brincadeiras e comportamentos específicos do gênero de cada um.” Evidencia-se, assim, que essa forma de organização, em filas diferentes, de acordo com o gênero feminino ou masculino, influencia no processo de formação da identidade de gênero em crianças de 3 anos de idade.

É importante destacar que as crianças estão formando sua identidade de gênero nessa faixa etária, e as ações que acontecem na escola contribuem para a realização desse processo, uma vez que a escola é uma das formas de socialização para a criança, depois da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o presente estudo buscou identificar as influências exercidas pela escola no processo de construção da identidade de gênero de crianças da Educação Infantil, segundo a perspectiva das professoras, após o trabalho realizado, constatou-se que, segundo a abordagem teórica, o conceito de gênero está relacionado a fatores culturais. Quanto à construção da identidade de gênero em crianças, os autores pesquisados entendem que, desde o nascimento, esse processo já começa a acontecer, porque a sociedade reage de forma diferenciada em relação ao sexo da criança, dando-lhe brinquedos, roupas e lhe cobrando comportamentos, de acordo com o gênero feminino ou masculino.

Em relação ao comportamento das crianças, as professoras demonstraram que percebem uma grande diferença entre meninas, que são vistas como calmas e concentradas, e meninos, que são vistos como agressivos e agitados. Considerando que as professoras são do gênero feminino, será que se fossem professores do gênero masculino também teriam a mesma percepção sobre o comportamento dos meninos? É um fato interessante para ser



investigado em novos estudos sobre gênero na Educação Infantil.

No que se refere à organização das crianças em sala de aula, as professoras não consideram o gênero das crianças e, sim, o comportamento, procurando separar os alunos que são considerados como “bagunceiros”. As atividades propostas são as mesmas para meninas e meninos. Apenas em algumas situações há a organização em filas, somente de meninas e outras, somente de meninos, em que as crianças de 3 anos de idade têm que saber a qual dos grupos de gênero elas pertencem, reforçando os padrões predominantes na sociedade.

Sobre a organização dos brinquedos, as educadoras, embora optando por deixar as crianças escolherem os brinquedos de sua preferência, percebem que há divisão entre meninas e meninos. As meninas preferem as bonecas e os meninos preferem carrinhos e bola para brincar e, conseqüentemente, as crianças optam por brincar com colegas do mesmo gênero.

Diante dos dados, pode-se concluir que é na cultura e no convívio social que ocorre a diferenciação de gênero, pois, desde o nascimento, as crianças passam a ser orientadas sobre seus comportamentos, sendo suas atitudes aprovadas ou reprovadas, de acordo com seu sexo. Assim, com o passar do tempo, a pessoa internaliza os significados que lhes são atribuídos pela família, pela escola e pela sociedade em geral.

Considerando que a escola é entendida como um espaço importante para a formação das pessoas e que influencia no processo de construção da identidade de gênero, entende-se como relevante haver maior esclarecimento aos professores sobre as questões abordadas neste estudo. Acredita-se que é importante não reproduzir na escola os estereótipos construídos socialmente em relação aos gêneros, possibilitando a todos os mesmos direitos, independente de pertencerem ao gênero feminino ou masculino.

REFERÊNCIAS

BIAGGIO, A. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRASIL. Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 05 de jul. 2014.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **REFERENCIAL Curricular Nacional para a Educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>> Acesso em 04



de jul. 2014.

BRENES, A. C. História da parturição no Brasil, Século XIX. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, abr./jun., 1991, p. 135-149.

CASAGRANDE, L. S., CARVALHO, M. G. **Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática**. 2005. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar?q=Casa+grande+e+Carvalho+generos&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5> Acesso em 07 de jul. 2013.

COSTA, F. O.; ANTONIAZZI, A. S. **A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: Percepções dos pais**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1999000100007> Acesso em 07 de jul. 2013.

CRUZ, L. M.; SOUZA, M. L. **Discussões sobre gênero e sexualidade o que dizem os (as) graduandos de pedagogia da UESB (Campus/Jequié-BA)?** Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Discuss%C3%B5es-sobre-g%C3%AAnero-e-sexualidade-o-que-dizem-osas-graduandos-de-pedagogia-da-UESB-campusJequi%C3%A9-BA.pdf>> Acesso em 07 de jul. 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FINCO, D. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**. Disponível em <http://dide.minedu.gob.pe/xmlui/bitstream/handle/123456789/1733/2010_Finco> Acesso em 04 de ago. 2013.

_____. **Educação infantil, gêneros e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07 Agência Financiadora: FAPESP. Disponível em <<http://www.28reuniao.anped.org.br/textos/gt07/gt07945int.rtf>> Acesso em 15 de mai. 2014.

_____. **Socialização de gênero na educação infantil**. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf> Acesso em 04 de ago. 2013.

FILHA, C. X. **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

FILHO, A. T. **Uma questão de gênero onde o masculino e feminino se cruzam**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07>> Acesso em 15 de mai. 2014.

GOLDANI, A. M. **Família, gênero e política: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção**. Disponível em



<http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/viewFile/329/pdf_309> Acesso em 10 de jul. 2014.

LOURO, G. L. **Corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOPES, D. H. **Desigualdade e preconceitos**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

MOREIRA, M. A. **Pesquisa em ensino: o vê epistemológico de Gowin**. São Paulo: EPU, 1990.

NEGREIROS, T. C. M.; CARNEIRO, T. F. **Masculino e Feminino na família contemporânea**. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v4n1/artigos/Artigo%203.pdf>> Acesso em 09 de set. 2013.

PASSAMANI, G. R; **Etnografia, consumo e homossexualidade**. Campinas-SP 2012
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000200024&script=sci_arttext Acesso em 05 de maio 2013

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. **Brincadeiras de meninas e meninos: socialização sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30389.pdf>> Acesso em 10 de set. 2013.

SAYÃO, D. T. **A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil**. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/43/39>> Acesso em 22 de out. 2013.

SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.16, n. 2 de jul./dez., 1995.

SOUZA, F. C. **Gênero e Infância: a noção de autoridade nas representações sociais de meninos e meninas**. São Paulo: Vozes, 2008.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2012.